

*Las Derechas: the extreme right in Argentina, Brazil and Chile, 1890-1939* (Sandra McGee Deutsch). Stanford (Califórnia): Stanford University Press, 1999.

Sandra Deutsch é uma conhecida estudiosa da história argentina e, especialmente, da história da direita nacionalista desse país nas primeiras décadas do século XX. Esse seu último trabalho representa um esforço de romper as amarras temporais e geográficas dos seus textos anteriores, abarcando um arco temporal maior e ampliando os limites geográficos do seu estudo para abranger a direita radical de três dos principais países da América do Sul, a saber, Brasil, Argentina e Chile.

Nesse sentido, seu trabalho começa no final do século XIX, abarcando as Ligas Patrióticas Chilenas, os jacobinos no Brasil e os "vigilantes" argentinos. Num segundo momento, ela estuda as "Ligas" patrióticas e nacionalistas que se desenvolveram nos três países nas décadas de 10 e 20 para culminar, finalmente, com um longo trabalho analítico sobre os grupos de extrema direita dos anos 30, a saber, os nacionalistas argentinos, os nacistas chilenos e os integralistas brasileiros. O resultado final é um excelente panorama sobre o tema, há muito necessário para os estudiosos da extrema direita na América do Sul.

O trabalho de história comparativa feito pela autora evidencia todas as vantagens dessa vertente historiográfica. Evidentemente, um trabalho de história comparativa não é uma resposta final e definitiva para todos os problemas e parece pouco provável que ele efetivamente possa fazer algo mais do que colaborar na sua identificação. Nesse aspecto, contudo, a história comparativa é insuperável, permitindo que elementos que antes pareciam específicos de uma realidade se revelem comuns a várias, enquanto o que parecia geral pode ser matizado pela análise de experiências particulares.

Nesse sentido, podemos acompanhar alguns padrões na história da direita autoritária desses países no período estudado, como o despertar do nacionalismo, o desencanto com o capitalismo liberal, a crítica aos modelos estrangeiros, etc. Outras similaridades impressionam, como a participação de descendentes de alemães e italianos tanto entre os nacistas chilenos, como entre nacionalistas argentinos e integralistas brasileiros (indicando um padrão onde esses movimentos eram vistos como um canal de expressão política de grupos postos relativamente à margem pelo sistema político tradicional desses países) ou a incapacidade desses movimentos em atingir o poder, em boa medida, pela

mentos em atingir o poder, em boa medida, pela habilidade das elites conservadoras em manter o controle da situação e apresentar opções menos radicais do que a extrema direita.

Ao mesmo tempo, a autora não perde de vista a situação particular de cada país. Questões como a composição e a força diferenciada das classes tradicionais, o nível de apoio da Igreja à extrema direita (maior no Brasil e, especialmente, na Argentina e menor no Chile) e outras são discutidas com precisão, o que demonstra o cuidado da autora em não permitir que análises mais amplas como a que ela pretende fazer sufoquem as especificidades locais.

Outro ponto do livro que merece destaque é o seu esforço em integrar os diferentes períodos históricos, tradicionalmente vistos como compartimentos estanques. Realmente, uma característica de muitos trabalhos de história política que sempre nos espantou é a visão do processo histórico como segmentado. O Integralismo, por exemplo, é normalmente estudado dentro do período 1932-1938, com poucas referências seja aos movimentos e idéias que deram origem a ele ou, o que é ainda mais grave, sem acompanhar como tanto as idéias integralistas, como as pessoas influenciadas por elas (que não desapareceram no ar em 1938) influenciaram a política brasileira nos anos seguintes. Sandra Deutsch é extremamente cuidadosa nesse aspecto, demonstrando as ligações entre os grupos de extrema direita do período pré-Primeira Guerra Mundial com os grupos nacionalistas dos anos 20 e os movimentos fascistas dos 30. O período pós-Segunda Guerra Mundial foge dos limites do livro, mas ela não deixa de fornecer importantes informações sobre o legado destes movimentos e homens para a história posterior das três sociedades. Um exercício necessário e que mereceria ser seguido.

Os limites do livro, contudo, também oferecem margem a críticas. Sua delimitação temporal talvez pudesse ser ampliada, como visto acima, para abarcar a história da direita na região antes de 1890 e, especialmente, no período posterior, mas a opção da autora é aceitável do ponto de vista prático e também do analítico, pois este foi o período-chave da história da direita radical, não só na América Latina.

Já do ponto de vista geográfico, a situação se complica. A direita radical foi uma experiência de todo o mundo ocidental, abarcando não apenas o continente europeu e o americano, como até mesmo a Austrália ou a África do Sul. E mesmo dentro da América Latina, qual a justificativa para escolher o Chile e não o Uru-

